

## Hipertensão infantil, futuro em risco

Estudo que analisou mais de 25 mil crianças e adolescentes hipertensos mostra que a condição aumenta as chances de desenvolver graves doenças cardiovasculares com o passar dos anos. Para evitar, o caminho é tratar o quanto antes

» ISABELLA ALMEIDA

Jovens com pressão arterial elevada enfrentam um risco quase quatro vezes maior de problemas cardíacos graves a longo prazo, como acidente vascular cerebral e ataque cardíaco, de acordo com uma nova pesquisa. Liderado pela Universidade McMaster, no Canadá, o estudo será apresentado no Encontro das Sociedades Acadêmicas Pediátricas (PAS) 2024, que começa hoje, em Toronto.

A hipertensão afeta uma em cada 15 crianças e adolescentes globalmente, e os pesquisadores estão cada vez mais preocupados com esse problema. Apesar dos números serem alarmantes, o que acontece com essas crianças a longo prazo ainda não foi completamente esclarecido. Para o trabalho, os pesquisadores compararam 25.605 jovens diagnosticados com hipertensão, entre 1996 e 2021, com pessoas na mesma faixa etária sem a doença.

Durante um acompanhamento médio ao longo de 13 anos, o ensaio descobriu que os jovens com hipertensão tinham entre duas a quatro vezes mais chances de sofrer um ataque cardíaco, acidente vascular cerebral, insuficiência cardíaca ou cirurgia cardíaca em comparação com aqueles sem hipertensão. Especialistas afirmam que melhorar o exame e o tratamento da pressão arterial durante a infância pode reduzir o risco de doenças cardiovasculares graves na idade adulta. “Alocar mais recursos para o rastreamento e controle da pressão arterial pediátrica pode diminuir os riscos de problemas cardíacos a longo prazo em crianças com hipertensão”, reforçou Cal H. Robinson, pesquisador de nefrologia pediátrica do The Hospital for Sick Children (SickKids) e autor do estudo. “Uma maior conscientização sobre a importância do rastreamento regular e do acompanhamento da hipertensão pediátrica pode evitar que as crianças desenvolvam resultados cardíacos adversos significativos mais tarde na vida.”

Maurício Jaramillo Hincapie, coordenador da cardiologia pediátrica da Rede D’Or, no Distrito

(crédito: Hospital da Criança/Divulgação)



Se na infância os pequenos apresentarem pressão arterial elevada, podem ter um ataque cardíaco ou um AVC quando jovens e adultos

### Palavra de especialista

#### Percalços que limitam avanços

“As barreiras para melhorar o rastreamento e o manejo da doença entre os mais jovens incluem falta de conscientização, acesso limitado aos cuidados de saúde e falta de priorização da saúde cardiovascular pediátrica. Abordagens eficazes devem incluir educação pública, intervenções comunitárias e integração de cuidados de saúde em ambientes escolares e familiares. A prevenção

Acervo pessoal



precoce é fundamental para reduzir os riscos a longo prazo de doenças cardíacas nos jovens afetados.”

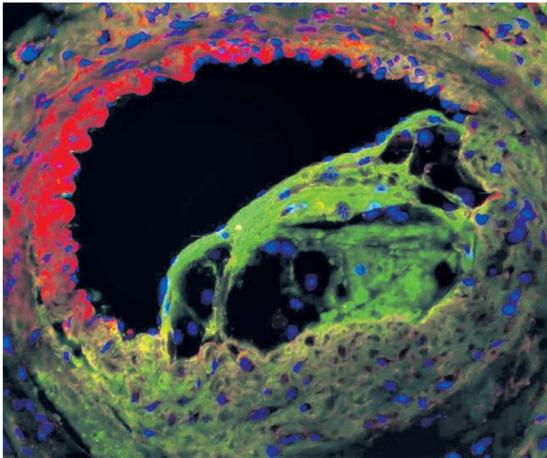
Vanessa Guimarães, coordenadora da cardiologia pediátrica do Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo e membro da cardiologia pediátrica e do transplante cardíaco pediátrico do Instituto do Coração (InCor-HCFMUSp)

Federal, ressalta que “quanto mais tempo o paciente tiver pressão elevada, maiores são os riscos de desenvolver as complicações”, tais como “acidente vascular encefálico, infarto agudo do miocárdio, insuficiência renal, aneurisma

de aorta, perda da visão entre outras, que podem aparecer quando a hipertensão não for adequadamente controlada.”

Hincapie explica que quando há suspeita dessa condição em adolescentes e crianças, a investigação

Onorina Manzo



Lesão na artéria coronária em hipertensos, como neste modelo animal

deve ser completa para encontrar as possíveis causas e fatores associados, que precisam ser tratados precocemente. “Na investigação, temos que afastar causas secundárias que possam estar relacionadas à pressão alta, como doenças

renais, autoimunes, endócrinas, diabéticas, estresse, obesidade, colesterol elevado, que precisam ser controlados e tratados rapidamente.” O especialista detalha que o rastreamento da pressão alta começa com o

pediatra do consultório, que deve fazer aferições de rotina e em caso de valores elevados e suspeitando do problema, tem que solicitar os exames necessários para o diagnóstico. Pode haver encaminhamento para avaliação de outras especialidades médicas envolvidas, como cardiologista, nefrologista, endocrinologista, entre outros.

“É preciso iniciar orientações adequadas com relação à dieta, exercício físico, redução de peso em caso de obesidade, controle dos fatores de risco e doenças associadas. O envolvimento da família é fundamental para diagnosticar, cuidar e tratar essas crianças e adolescentes para termos adultos saudáveis com menos riscos cardiovasculares.”

Para os cientistas, é necessário investir em pesquisas de longo prazo sobre hipertensão pediátrica, a fim de fornecer um melhor entendimento dos resultados cardíacos e renais em adultos diagnosticados com hipertensão durante a infância.

Ricardo Cals, cardiologista do hospital Santa Lúcia, em Brasília, reitera que a incidência da hipertensão entre jovens tem aumentado muito, principalmente em razão do sedentarismo. “Alimentos ultraprocessados, obesidade, ganho de peso, são fatores de risco que andam com o aumento da glicose e da pressão.”

Por ser uma doença silenciosa, Cals sublinha que é importante o sistema de saúde estar preparado. “Desde os pediatras, até os cardiologistas devem ter em mente que, apesar da idade, e de não ser tão comum a hipertensão nessa faixa etária, a incidência tem aumentado, devemos estar sempre ali, investigando.” Para o cardiologista, o rastreio e o combate à condição são dificultados pela falta de acesso às consultas. “Principalmente no SUS, às vezes é difícil o paciente conseguir marcar uma consulta. A fila é muito grande, a pessoa se sente desestimulada. Outro ponto é a baixa renda da população, as pessoas optam por alimentos industrializados e ricos em calorias, ao invés de algo saudável porque pesa no bolso.”

### DOENÇA TROPICAL

## Malária mapeada em detalhes

Pela primeira vez, cientistas conseguiram mapear os estágios de desenvolvimento do parasita da malária mais letal com uma resolução sem precedentes, alcançando uma compreensão mais profunda sobre o protozoário. O estudo, publicado ontem na revista *Science*, detalha os estágios críticos do desenvolvimento do *Plasmodium falciparum*, utilizando técnicas avançadas de sequenciamento de RNA unicelular.

O trabalho oferece uma visão minuciosa das diferentes fases de vida do parasita à medida que avança de um estágio assexuado para um estágio sexual, necessário para sua transmissão pelos mosquitos. A pesquisa conduzida pelo Instituto Wellcome Sanger, em colaboração com o Centro

de Pesquisa e Treinamento em Malária (MRTC) no Mali e outros parceiros, contribui para o Atlas de Células de Malária, uma fonte de informações valiosas disponíveis gratuitamente para pesquisadores em todo o mundo.

Para os cientistas, as novas informações têm o potencial de identificar novas estratégias para interromper o desenvolvimento do parasita, incluindo o desenvolvimento de medicamentos ou vacinas para prevenir sua transmissão.

“O sequenciamento de RNA unicelular nos proporciona uma visão do uso do gene do parasita que não é possível com nenhuma outra abordagem, ao mesmo tempo que oferece uma compreensão muito mais clara de quão geneticamente diversos são os parasitas, mesmo dentro da

AFP



mesma pessoa. O Atlas de Células da Malária é um recurso que esperamos que seja cada vez mais útil”, afirmou, em nota, Mara Lawniczak, autora sênior e cientista do Instituto Wellcome Sanger.

Apenas em 2022, a malária contaminou cerca de 249 milhões de

pessoas no mundo, causando 608 mil mortes. O *Plasmodium falciparum*, responsável pela maioria dos casos, mostra uma rápida modificação genética, o que dificulta seu controle. Os parasitas da malária têm uma grande diversidade genética. Além disso, eles existem

em formas assexuadas e sexuais no hospedeiro humano, sendo necessária a forma sexual para sua transmissão pelos mosquitos.

Para a pesquisa, os cientistas utilizaram o sequenciamento de RNA unicelular para mapear os estágios de desenvolvimento sexual de

Mosquitos do tipo *Anopheles* são transmissores quando contaminados por protozoários do gênero *Plasmodium falciparum* cuja modificação genética é rápida, dificultando o controle

*Plasmodium falciparum* de maneira detalhada. O estudo incluiu amostras de sangue de indivíduos infectados, o que permitiu realizar uma comparação entre os dados de laboratório e os padrões reais de infecção.

Abdoulaye Djimdé, coautor do trabalho e membro do Centro de Pesquisa e Treinamento em Malária, da Universidade de Bamako, em Mali, frisa que compreender mais sobre o ciclo de vida do parasita, os genes envolvidos e os fatores que os controlam pode ser vital para a pesquisa contínua sobre a doença. “Nossa pesquisa destaca pontos-chave no desenvolvimento sexual do parasita, que, se direcionados no desenvolvimento futuro de medicamentos, poderiam quebrar o ciclo de transmissão e ajudar a minimizar a propagação.” (IA)